

Valsas Piauienses de Possidônio Nunes Queiróz

por Emmanuel Coelho Maciel

Possidônio Nunes Queiróz é figura ímpar no cenário musical piauiense. Nasceu no dia 17 de maio de 1906, na cidade de Oeiras, primeira Capital do Estado do Piauí, músico por vocação, com naturalidade dos grandes mestres.

Aos quatro anos de idade ouvia retretas com a banda de música de sua cidade natal e se deliciava com os tocadores ambulantes de “pif”.

Garotóide ainda, fabricou a sua primeira flauta de bambu. A partir daí, passou a extrair os primeiros sons na flauta transversal, sob os ensinamentos do professor Jeremias, mestre da banda de música local, aprendendo escalas numa flauta antiga de cinco chaves. Conforme ele mesmo conta, não tinha hora de dormir e acordava de madrugada para estudar. Em pouco tempo estava tocando escalas em mais de uma oitava e melodias variadas. Naquele tempo, como ainda hoje no Piauí, não havia professor de técnica instrumental, de corda ou sopro, capaz de levar o aluno ao domínio completo do instrumento. Mesmo assim Possidônio saiu-se muito bem, como, aliás, nos conta: “Adquiri métodos de flauta e, com minha curiosidade e boa vontade, senti, autodidaticamente, que ia abrindo caminhos. Tive três métodos, um de autor de alemão, outro de autor português e o terceiro de autor francês. Destes só me resta o de Devienne (Méthode de Flute). Não havia, então, método de flauta escrito no Brasil”.

Havia em Possidônio uma curiosidade admirável. Lia tudo que encontrava sobre música. Alguns destes livros foram, por muitos anos, companheiros íntimos de onde extraía os ensinamentos técnicos da linguagem musical: A Gramática Musical, de Miguel Cardoso, e Os Segredos da Harmonia, de Fr. Pedro Sinzig, importantes na sua formação musical.

João Rêgo, o primeiro professor de flauta de Possidônio Queiroz, tinha formação técnica- instrumental, na flauta, de escola, pois foi discípulo do Dr. Gonçalo de Castro Cavalcanti. Certa ocasião João Rêgo contou a Possidônio que esteve prestes a deixar o Dr. Cavalcanti, como professor de flauta, porque ele o pôs a tocar escalas durante seis meses, em

todas as velocidades e em todos os tons, a fim de ajustar bem a embocadura e aprimorar o dedilhado. Por essa época, consolidou-se em Possidônio, o gosto definitivo pela música e pelo estilo que lhe influenciou a produção musical. De um lado, o estudo metuculoso, na flauta, de peças variadas de autores eruditos; do outro, as valsas de Émile Waldteufel. Mas, o que mais lhe marcou foram os velhos discos (novos na época) gravados na Casa Edson, pelo mago da flauta, Patáppio Silva, ouvidos aos domingos no gramofone do Sr. Pedro Antunes, em sua residência. Maravilhado com o que ouvia, não media esforços para adquirir, de alguma forma possível, as partituras impressas de Patáppio e analisá-las com carinho. Dessa forma, sem ter saído do Piauí numa época distante dos meios de comunicação atuais, conseguia, pelo estudo diligente das partituras musicais, produzir uma obra musical que, embora pequena, é extremamente importante para o estado do Piauí. Sem conhecer Harmonia, contraponto e outras matérias indispensáveis à técnica de composição musical, escrevia somente as melodias de suas composições. E como escrevia bem! Com domínio absoluto dos códigos musicais, podendo ser lidas, sem dificuldades por qualquer músico. É impecável na fraseologia musical, nos contornos melódicos e nas cadências que revelam a harmonia, acordes e modulações à mostra. Claro, uma melodia pode e deve ser harmonizada de varias maneiras. O processo de harmonização é extremamente criativo, como toda arte musical o é. Mas a música de Possidônio Queiroz, embora não harmonizada por ele, sugere em sua melodia a harmonia ou acompanhamento que deverá ser codificado. É oculta, porém, transparente, o que não impede a nós de harmonizá-la diferente.

Possidônio é fruto de uma geração de ouro, nascida no começo do século XX,. Que tanto contribuiu com as Artes no Brasil. Nascido em Oeiras e de lá nunca saíra a não ser para vir a Teresina, raras vezes. Sua obra musical é testemunha viva da cultura piauiense e de todo o brasil interiorano. Culto das artes, Música, Oratória e Poesia. Advogado(Rábula), professor de história e português, mestre em ourivesaria, flautista e compositor emérito. A sua inscrição na OAB-Pi, é de nº39 e data de 1953, quando fez concurso juntamente com o Dr. José Lopes dos Santos para ingressar na entidade. Mas mesmo assim, não se considera compositor. Deixemo-lo falar: “Toquei flauta esse maravilhoso instrumento de que gostei na minha mocidade e na idade

madura. Assim, vez por outra, era levado a rascunhar pequenas melodias para tocar debaixo dos céus de Oeiras, nas noites de Plenilúnio, ou outras peças que escrevia, por força das circunstâncias que eram executadas por conjuntos orquestrais, ocasionalmente, de longe em longe constituídas aqui. (...) Assim como os poetas fazem improvisos eu saía com um violão e improvisava coisas que nunca escrevia. Tocava a primeira parte, a Segunda e, quando voltava à primeira, já não saía igual a que toquei da primeira vez.”

Desde o surgimento da valsa na Europa, por volta de 1870, existem dois tipos: uma em andamento lento, outra em andamento rápido- ambas apropriadas à dança. No entanto não se deve confundi-las com a cultivada pelos grandes compositores clássicos e românticos, Beethoven, Schubert, Chopin, destinadas a uma literatura instrumental, onde as idéias musicais fluem com absoluta liberdade, conservando-lhes apenas a forma.

A valsa vienense é muito elaborada, não se restringindo a um simples AB ou ABACA. Os compositores vienenses Johann Strauss (1804-1841) e o seu filho Johann Strauss (1815-1899) foram responsáveis por sua evolução. O filho, cognominado Rei da Valsa, foi quem a levou ao mais alto grau da perfeição, tornando-a um símbolo musical do período mais brilhante da monarquia dos Habsburgos.

Verdadeiras suites de valsa, as vienenses são longas, varias valsas dentro de uma só. Além do mais possuem introdução elaborada com os motivos ou frases das valsas que se ouvirão a seguir. Em cada microvalsa, geralmente na forma AB, dá-se uma pequena introdução e, em seguida, ao passar de uma à outra, modulações. Nesse processo contínuo de microvalsas interligadas, chega-se ao final apoteótico, através de uma coda.

A valsa brasileira é mais simples e pertence à fase anterior à vienense, podendo ser em andamentos lento ou rápido, de caráter seresteiro ou de salão. Quanto à morfologia, são três ou quatro partes (ABA, ABACA), como de resto é toda a nossa música popular ou folclórica, salvo raríssimas exceções.

Existe algo de curioso em algumas valsas de Possidônio. Em primeiro lugar, os andamentos rápidos, de salão, das valsas européias. Em segundo lugar, a existência de introduções, onde se destacam solos de cunho virtuosísticos, feitos por algum instrumento, que

buscam aumentar o interesse do ouvinte e, em terceiro lugar, uma pequena seqüência de valsas semelhantes ao esquema formal das valsas vienenses incluindo uma coda de efeito grandioso. As valsas nº 9 ou “pagã”, Sagração, Grande valsa em Sib e Grande valsa em Dó, fazem parte desse processo.

Também em andamentos rápidos são as valsas “Lilásia”, “Do poeta”, “Cecy Carmo” e “Para Alice”. Nelas há a mesma melódica francesa do início do século; porém, num esquema formal simples, em três partes, Genuinamente brasileiras, seresteiras, em três partes, são a “Valsa Serenata”, e “Pensando em Tí”. Também seresteira, porém, de duas partes, é a valsa “Horas de Melancolia”.

No acompanhamento da cronologia das obras de Possidônio, cerca de 13 obras por mim descobertas pesquisadas e arrançadas, verifica-se que a motivação maior para a sua produção foi a mesma predominantemente no Brasil até o começo da Segunda metade do atual século: cinema mudo, carnaval., saraus familiares, serestas, festividades oficiais, homenagens a personalidades ilustres. Assim, em 1938, ele saiu às ruas de Oeiras, desfilando com alguns amigos. Como não possuía um bom instrumento musical, lembra que escreveu ao saudoso amigo Ranulfo Barros pedindo-lhe emprestado o flautim de prata para as festas momescas. Ao receber o tão esperado flautin, na força da animação, escreveu a marchinha “Olha o Flautin”.

Em 1939, escreveu a Valsa Serenata, dedicada à Sra. Eva Feitosa, violinista com quem estudou muitas horas em “Duo”, ela ao violino e ele a flauta, nos métodos de violino e flauta. Em 1940, escreveu a Valsa Cecy Carma. A primeira audição ocorreu em Dezembro daquele ano, executada pela Banda de Música Santa Cecília, na inauguração do Cine-Teatro Oeiras. Ao som da valsa, abriu-se o baile oferecido ao Ex.mo. Sr. Interventor Federal e luzida comitiva. Em 1941, a valsa Nº9, ou “Pagã”. Essa belíssima valsa possui algo de curioso em relação aos nomes que apresenta. Certa ocasião, o Prof. Possidônio foi convidado pela D^a Salomé de Freitas Tapety, sua vizinha de moradia para a ceia de Natal, levando consigo uma pequena orquestra de violino, bandolim, violão, violoncelo e flauta transversal. O violoncelista do grupo era o Sr. Burane, o avô de Ferrer, organista da igreja Matriz de Oeiras. Em meio as velhas partituras, havia uma composta em 1941, ainda sem título, que foi muito apreciada por

todos, logo denominada Pagã pelas professoras Celina Martins, Lilásia Mendes Freitas e outras senhoras, musicistas do grupo. Nome apropriado, pois, segundo a tradição cristã, pagão é quem não aceitou a “nova fé”, não foi batizado. E o batismo implica na aceitação de uma nova vida, na escolha de um determinado nome e na sua ascensão do “novo ser” a uma vida diferente daquela que ele vivia antes. As outras valsas do prof. Possidônio nasceram, digamos assim, batizadas por ele, com seus nomes próprios e situações específicas. O batizado daquela noite musical do Natal de 1941, em que denominou a valsa Pagã, foi de fato, circunstancial e curioso. Mas quem a denominou de valsa n.º 9 foi o filho do Prof. Possidônio, Presbítero Francisco de Assis Ribeiro de Queiroz, atualmente pastor da igreja Assembléia de Deus da cidade de Angical-PI. É provável que esta numeração tenha algo a ver com alguma tentativa, por parte de Francisco de Assis, de catalogar a obra do pai, pois na qualidade de músico, clarinetista, saxofonista e flautista, habituado aos acompanhamentos do coral da igreja, feitos por ele na flauta transversal em duo com o órgão, possui sensibilidade suficiente para avaliar a música composta por seu genitor. Esta valsa chegou-me às mãos com os dois títulos, tendo sido divulgada pelo Grupo de Câmara “Ars Tupiniquin” como n.º 9. Ainda em 1941, Possidônio compôs a letra e a música da valsa “Pensando em Ti”. Em 1942, compôs a valsa “Para Alice”.

Quando das comemorações do setênio da sagração do D. Edilberto, em 11 de outubro de 1966, o prof. Possidônio foi aclamado presidente da comissão de música. Desejoso de apresentar algo novo “Que não fosse as valsinhas velhas, surradas”, escreveu a Grande valsa em Sib, executada no Cine-Teatro Oeiras, no dia da sagração.




Em 1968, no dia 19 de julho, festejou-se na velha capital as Bodas de Prata da ordenação sacerdotal de Dom Edilberto. Compareceram vários Bispos, o Governador do Estado, autoridades civis e militares, jornalistas e a banda de música da polícia militar. Coube novamente ao prof. Possidônio presidir a comissão de música. Além de Ter sido o orador oficial, apresentou uma nova valsa, a Grande Valsa em Dó, regida por ele no adro da catedral.

A atividade musical em Oeiras, na primeira metade do Século, foi, como vimos, bastante significativa, com destaque para Possidônio Queiroz, cujo trabalho musical para

pequena orquestra de violinos, clarinetas, flautas, trompetes, trombone de vara, bandolins e violões era apresentado com certa regularidade no Cine-Teatro Oeiras.

Nesse contexto, a sua música se apoia no estilo francês do final do século passado e começo deste, sob influência de Émile Waldteufel, pianista da imperatriz Eugênia e diretor da orquestra de Bailes da corte francesa. Estilos e influências não desmerecem a obra de ninguém, se de boas qualidades, muito menos a de Possidônio Queiroz, mesmo por que Waldteufel, foi para a evolução e fixação da valsa francesa, guardada as devidas proporções, o que Johann Strauss- filho foi para a valsa vienense. Assim, Possidônio fez uma obra de ótima qualidade, a nível dos grandes mestres de valsa da Europa, dando a cada uma um sotaque brasileiro de ternura e encantamento.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**